

E 6430
88
N

A Bibliotheca e o Journal
Capital Federal

A PENNA

Director e redactor-chefe : Durval Carvalho

Redactoras : D. Julieta Moraes, D. Annita Soares, D. Alice Lima e D. Ignez de Souza

Redactor-secretario : J. C. Távira.

Redactores : Leonardo Porto, D. Correia, Decio Mello e M. P. de Mello.

ANNO I

S. Paulo-Santos, 21 de Agosto de 1897

NUM. 7

Expediente

Representantes d' "A Penna"

Capital Federal — Gracilino Menezes.

Nichteroy — Dr. Silvestre Moreira.

S. Paulo — Dr. Dario Ribeiro.

Bahia — Rodrigues Nogueira.

Fortaleza — Domingos C. e Silva.

Recife — David Ribeiro Junior.

Maceió — José Menezes.

Aracaju — Crysanto Rocha.

Maranguape — Alfredo Costa Ribeiro.

Laranjeiras — Coronel Francisco Vasconcellos.

Maroim — Roque Pinna.

Riachuelo — Secundino Correia.

Capella — Reynaldo Torres.

Serrinha — Major Antonio Nogueira.

A Penna é organ litterario, critico e noticioso, pertence a uma Associação e publica-se quinzenalmente.

Trimestre	3\$000
Semestre	5\$000
Anno	8\$000

Pagamento adiantado

REDAÇÃO — RUA GENERAL CAMARA
N. 106

A PENNA

Nova Phase

Difficultosa e espinhosa é a missão que temos a desempenhar, posto que, não sejamos desconhecidos e tenhamos nos batido, sem treguas, em prol da bandeira, que desfraldada, ainda tremula em nosso mastaréu.

Nosso passado senão nos deixou glorias, ao menos honras, que, só pertencem áquelles que resistindo ao atroz indifferentismo que assenhorea-se deste nosso meio social, avançam com ardor affrontando perigos, transpondo dolorosas crises, para ao fim da lucta dizer: cumprimos nosso dever. Aureola-nos, porém, uma gloria que ia-se sepultando em consequencia de nossa modestia.

Ninguém, afóra nós, ponde ainda n'este nosso meio social manter um periodico litterario com o brilho fulgurante da irradiação do cerebro fernenil.

Ninguém incontestavelmente. Eis, pois, A Penna novamente conquistando essa gloria com mais ardor, porque si hontem Julieta Moraes com o bico de sua mimosa penna abriu-nos o portico do Templo da litteratura, hoje, Alice Lima, Ignez de Souza e Annita Soares rasgam as cortinas do mesmo Templo, dizendo-nos: entree moços e cultivae as letras, que sereis bemditos porque mais tarde germinará o fructo que plantardes.

Avancemos, pois, á cultura das letras para que semelhante co.õa de louros cinja nossa fronte.

DURVAL CARVALHO.

O Caboclo Camapum

(TRADIÇÃO CHARENSE)

Era o anno de 1811.

Quem subisse a pittoresca serra de Maranguape, tomando o caminho aberto na margem esquerda do riacho Pirapora, veria ao lado direito da ladeira, um pequeno casebre, construido de pau á pique, rebocado de barro vermelho e coberto de palhas, de catolê.

As portas e janellas do casebre eram feitas de talos de carnauba; no terreiro espaçoso e limpo, secavam expichados ao sol diversos couros de anta, veado e onça; estendida sobre um pequeno girão estava a tarrafa de pescaria.

Dous cachorros vigilantes, um preto e outro malhado, deitados

na sombra do outão, avisavam com seus latidos a aproximação dos traseuntes que subiam a serra.

Estalava a o.õa da velha chotupana e uma linda cunha, vestida de camisola de algodão riscado, botava receiosamente a cabeça no tosco umbral, espreitando quem passava.

O fertil terreno que circundava aquella pobre vivenda estava bem cultivado com plantações de legumes e cereaes.

Ali, residia Camapum e sua pequena familia.

Este caboclo era descendente dos indios *Itanhs*, aldeados na serra de Baturité (Monte-Mór-Novo) os quaes tinham afinidade com a tribo dos *Kiriris* que habitavam a serra dos Cayris e margens dos rios Curú e Acara-hú.

Segundo affirma Von Martius, autor da *Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde Brasiliens*, os indios *Kiriris* eram naturalmente *falsos, medrosos, desconfiados e quietos*; no entanto Camapum, sendo da mesma raça, era um caboclo activo, leal, trabalhador, hospitaleiro, sesudo e valente.

Cultivava a caça, lavoura e pescaria.

Tinham cabido as ultimas aguas da Estação invernosa.

Os cajueiros carregados de abundante folhagem, estavam florescendo para a vinda do *matury* e as vigorosas mattas, quer do valle, quer da montanha, formando soberbas cupulas, verdejavam cheias do mais opulento viço.

O *bom-d*, o *corropião* e a *graiua* acarretavam pressurosos a *samambai* ou a fibra do coqueiro para a engenhosa formação de seus ninhos.

Os formigueiros, trabalhando incansavelmente, reconstruam a



estreita bocca de sua morada subterranea, que tinha sido derrocada e obstruida pelos aguaceiros do inverno.

O *prid*, a *cotia*, o *moko*, abandonando seus covis, já buscavam a superficie nua dos lageiros para se aquecer aos raios solares.

Diversos bandos de astuciosos macacos pendurados nos galhos da floresta, executavam manobras de admiravel gymnastica, pulando de arvoredo em arvoredo, em busca dos serrôtes onde nascem o *catolé* e a *palmcira*.

A *jandahira*, o *arapud*, adejavam nas visinhanças dos cortiços, trazendo em seu pelludo ferrão o delicioso succo das flores agrestes.

Ao longe, ouvia-se o possante rugido da onça, que sahindo da gruta aberta no penhasco, despertava o echo das matas, annunciando a *hora da carniça*.

Começava o estio.

Em uma d'essas bellas e alegres tardes, verdadeiramente dignas da sublime attenção dos poetas, Camapum, tendo acabado de jantar com sua familia, buscou seus apetrechos de caçada, limpou cuidadosamente as armas, escovou o hornal e fez a necessaria provisão de chumbo e polvorá.

A caça mais predilecta de Camapum era o veado, animal naturalmente arisco e manhoso, que só podia ser apanhado no bebedouro, lá pelas horas silenciosas da madrugada.

Camapum gostava extremamente de ver tombar morto no cairel do bebedouro este animal, possuidor de tanta ardileza e que para illudir o caçador, só abandonava a espessura da selva, quando tinha sede, isto mesmo com enorme subtilidade, aproveitando de preferencia as sombras da noite alim de não ser surprehendido.

Recolhido o sol no poente, Camapum lançou mão da espingarda, cingiu um poderoso facão, atirou aos hombros sua rede de dormir, chamou os dous cachorros, e de bernal á tiracollo, despedio-se de sua familia, subindo depois a ladeira em busca da eminencia denominada *Cabeço*, um dos pontos mais elevados da serra de Maranguape.

Seriam 9 horas da noite, mais ou menos, quando elle descambava a linha da serra para os lados da Ribeira e Terra Secca.

A Lua nascida desde o por do Sol, ia já em certa altura do firmamento, despejando magestosamente sobre a face da terra, os brandos fulgores de sua luz frouxa e tranquilla.

Camapum, acompanhado por seus cachorros, seguia caminho além, obedeendo incançavel e silencioso as tortuosidades da ladeira aberta no seio das matas.

Adeante parou.

Achava-se na margem de limpida vertente, situada no fundo de uma grotta e sombreada pela ramagem da floresta, lugar este, que offeracia segura posição para uma emboscada contra qualquer animal que chegasse ao bebedouro.

Dentre as arvores que circundavam a nascente, Camapum escolheu um frondoso pé de *pau d'arco*, onde trepou-se, armando sua rede em dous galhos in is resistentes.

Os cachorros, matreiros como erão, logo que virão seu amo agasalhado no cimo da arvore, penetraram na moita mais proxima e ali deitaram-se quietamente.

Grave silencio reinava naquellas medonhas paragens. Camapum, achando que ainda era cedo para por em actividade sua vigilancia de caçador, adormeceu.

Dormiu e..... dormiu.

...

Dous galhos do arvoredo encruzados um por cima do outro, forão balouçados pela ventania e produzirão um rangido estrepitoso, que veio despe tar Camapum.

Era tempo de guardar o bebedouro.

Um vulto de animal, apparecendo na bocca do atalho, balançou ligeiramente a cabeça e depois de espreitar a circunvisinhança da fonte, pulou do lugar onde estava para cima d'uma pedra sime-enterrada na beira d'agua.

Camapum, endireitando-se cautelosamente dentro da rede, fez

certeira pontaria sobre o vulto e disparou a arma de fogo.

O animal, recebendo a forte carga de chumbo, afocinhou moribundo para o fundo da nascente.

Os dous cachorros, que até aquelle momento se conservaram quietos, ao sentirem o ronco de fogo, partiram do seio da moita com incrível ligeireza e lançaram-se furiosamente sobre a preza, arrastando-a para fóra do pogo.

Camapum, depois de projectar com satisfação um olhar demorado sobre o trabalho dos cachorros, desatou a rede e desceu do *pau d'arco*.

Aproximou-se da preza. Era com effeito um veado, a caça de sua paixão.

(Continua)

TAVIRA.

Santos—Agosto—97.

PRIMEIRO BELJO

A quem amo.

A narração que vae seguir-se encurra d'entre as peripetias da minha vida, um facto quasi que romanesco que se deu commigo quando então contava somente 19 annos.

Pelo lado intrincado da narração amorosa os leitores desculparão a falta a resentir de melhor pitteratura.

Começemos:

I

19 annos! bella idade para quem ama e quer ser amado!

Pudesse eu com a minha penna traçar ao vivo aquillo que senti quando achava-me nessa idade e o leitor certamente teria occasião de conhecer, embora tambem tivesse passado por essa phase feliz, a minha plenitude grandiosa nessa facção da vida e que tanto se anhela um porvir promettador das maiores esperanças.

19 annos!

Ah! quem dera voltar a essa idade feliz, quem dera...

.....

Estava-se no principio de Junho do anno de 89. Um vento frio sacudia a ramagem maci-

lenta do arvoredo cujas folhas seccas começavam a cair.

Numa bella tarde desse mez, conforme era meu costume, e em companhia de um amigo intimo fomos dar um passeio pela cidade para distracção do nosso estúpido labutar diário.

Ambos de a muito nos estimávamos como irmãos e sentiamos-nos felizes.

Esse amigo a quem chamarei Alfredo, escondendo o verdadeiro nome de nós dois, compatilhava das minhas alegrias, tomava parte nas minhas coleras. Acompanhava-me em tudo e era-me dedicado e fiel.

Depois de ter-mos passado por muito tempo e ao acaso o meu amigo teve de subito uma ideia:

—Com a breca! pois não é que ia-me a quecundo de um compromisso?

Pelo espanto que produziu em mim essa interpegação olhei com curiosidade ao meu amigo.

—De que me olhas tu com tanto espanto? perguntou-me elle serenamente, depois de ter apalpado o seu abdómen.

—Nada! ora essa, é que eu...

—Deixemos de meias palavras e vamos nos explicar direito: fui convidado por um amigo para ir jantar em sua casa, pois que festeja o anniversario de uma pessoa da familia e já são horas para lá ir, e, na qualidade de amigo que sou ten convidado-te para que venhas tambem comigo.

—Eu?!

—Sim, tu; e isso o que tem?

—Nada, mas... é que eu não conheço lá ninguém.

—Apresento-te eu ao principal da casa e... está tudo feito.

Não objectei mais nada. Convençido pelo meu amigo seguiu-o desinhabitadamente.

Dahi a pouco entravamos n'uma elegante casa da rua General Camara que se achava toda illuminada e garridamente enfeitada.

Na sala ia uma animação rasgada onde se via grande numero de senhoras.

Fui apresentado a algumas dellas recebendo em seguida os cumprimentos dos chefes da casa:

—E' o meu amigo Jonathas

que tenho a liberdade de vos apresentar, pedindo-vos desculpas em tel-o trazido na minha companhia, sem ser para isso convidado.

—E' singular! é singular! murmurou o principal da familia; e então o que tem isso? precisavamos dessas desculpas?

E n'uma alegria concentrada tomou-nos familiarmente dos braços e levou-nos para a sala de jantar.

Dido'.

Santos,—97.

(Continúa)

A Pastora e o Caçador

Ao collega de redacção Durval Carvalho.

Par uma esposa floresta
Uma pastora brincava
E ao vê-la um caçador
Debilde assim lhe chamava:

—Pastora, vem cá, escuta,
Uma voz de puro amor.
—Agora que me deleito
Não posso ir, caçador.

—Pastora, vinde, não fuja,
Despresando quem te chama.
—Caçador, não vos rendaes
Por uma pobre dama.

—Despresando o que existe
Só a belleza me rende.
—Caçador, seguir eu devo:
Manifeste o que pretende.

—Pastora, dá-me licença,
Estampar-te um puro beijo?
—Caçador jamais consinto
Satisfazer tal desejo.

—Pastora, deixa modestia,
Pastora, escuta, vem cá.
—O caçador que me chama,
O caçador que me dá?

—Se annuires minha idea
Dou-te grande cabedal.
—Caçador, a pobre joven
Sua honra muito val.

—Pastora, assim desprezas
A affectos de quem te adora?
—Caçador, já devo amar
Um homem que vejo agora?

—Detestas nobre fidalgo
Que busca te possuir?
—Caçador, com tais enganos
Assim me quer seduzir?

—Não te seduso, pastora,
O meu desejo é teu mão.
—Caçador, como me amas?
Será teu meu coração?

—Agora se já estás crente,
De mim que exiges mais?
—Caçador, eu na lá peço
Senão ir ter com meus pais.

Fugando logo lhe disse:
—Ades que vou embora!
Caçador, por teu pedido
Esperarei desde agora.

M. P. DE MELLO.

Triste...

A' DISTINTA COLLEGA JULIETA MOURAS

*Se sonhasses, oh minha criança, o quanto
E'-me terrível os sonhos do passado,
Vinhas trazer-me de beijos, um punhado,
Enxugar com tuas traças o meu pranto...*

*Mas, não! Atiras da descrença o manto
E só da — saudade — é que eu ouço o brado,
Desses que põe o homem ao chão prostrado
Morrendo aos poucos na embriaguez do encanto...*

*E sempre vendo a tua sombra nua,
Risonha, pura como a magestosa Lua,
Iluminando a terra com o seu clarão.*

*Eu, como mendigo desses de sacola
Venho a teus pés pedirte, como esmola
Que des-me por caridade o coração.*

DECIO DE MELLO.

A PENNA

Passando por nova phase este nosso periodico registamos aqui, as palavras assaz lisonjeiras revestidas de muita amabilidade com que nos acolheram; antes, muitos dos nossos illustrados collegas:

Vassourense, mimosa folha redigida pelas primorosas pennas dos grandes projectos brasileiros, Luiz Murat, Olavo Bilac, Lucio de Mendonça e outros não menos illustres; assim se exprime:

«Temos sobre a mesa o primeiro numero d'*A Penna*, jornal litterario e noticioso que começou a ser publicado ultimamente, em Santos.

E' seu redactor principal o intelligente escriptor, sr. Durval Carvalho. Desejando ao joven collega vida longa, agradecemos a visita e promettemos permatar.»

A Idea, sympathico periodico, publicado n'esta cidade, organ do nobre Club Minerva, redigido por bellos talentos, infelizmente não tão conhecidos, como deveriam ser, destacando-se entre elles, o joven M. P. dos Santos, assim se exprime:

«Temos o grato prazer de contar n'esta cidade com mais um collega que apresentou-se no campo litterario com o fim exclusivo de cultivar as lettras e promover a manifestação de pequenas intelligencias para aperfeiçoal-as.

E' elle redigido pelo sr. Durval Carvalho, moço tão modesto e tão simples, quanto talentoso.

Composto de um excellente corpo de collaboradores e dirigido por aquelle senhor, é de crer que *A Penna* em mais breve tempo firme solidamente a sua reputação litteraria. Para isto, como collegas que ardentemente desejamos vêr o progresso das lettras na mocidade santista, fazemos votos, apresentando ao mesmo tempo á redacção d'*A Penna* os nossos protestos—de fraternal amizade.

República, grande ergam politico, publicado na Capital Federal, accusando a recepção d'este nosso periodico, qualifica de bons os seus trabalhos litterarios.

A Opinião, interessante e sympathico colleguinha, publicado

n'esta cidade e redigido por aproveitaveis e esperançosos moços, assim se exprime:

«Temos sobre a mesa o n. 3 d'*A Penna*, bella folhita que se publica n'esta cidade, redigida pelo joven e intelligente sr. Durval Carvalho. Muito variado.»

Echo Popular, excellente folhasemanal, publicada em Apparecida do Norte, n'este Estado, assim se exprime:

«Temos sobre a mesa o sympathico colleguinha *A Penna*, publicada em Santos, sob a intelligente redacção do sr. Durval Carvalho.

Esta folha é muito bem impressa, em papel de côr, e offerece abundante e agradável leitura.

E' um jornalzinho feito com todo o capricho, enfim. Gratos pela amavel visita do sympathico collega, retribuill-a-hemos:»

O Progresso, bello periodico, publicado em Maroim, Estado do Sergipe, sob a direcção do talentoso jornalista e perfeito actor, sr. Cicero Motta, assim se exprime, mais ou menos:

«Temos sobre a mesa *A Penna*, pequeno jornal litterario e noticioso que vê a luz da publicidade em Santos, Estado de S. Paulo, sob a redacção do nosso amigo, sr. Durval Nestor de Carvalho.

O genio emprehendedor de Durval Carvalho, é uma recommendação bastante para o progresso do joven collega.

Agradecendo a visita desejamos-lhe longa vida.»

A Ordem bella folha semanal publicada em Itaocera, Estado do Rio de Janeiro, assim se exprime:

«Mais um collega distinguinós com sua amavel visita—*A Penna*, mimoso periodico litterario habilmente escripto e publicado em Santos, Estado de S. Paulo.

Notas esparsas

Acha-se restabelecido do incommodo que o prostrou ao leito, por alguns dias, o nosso amigo e intelligente companheiro Leonardo Porte.

DR. LUCINDO PRADO

Embora tardios, depomos hoje no tumulo desse grande vate brasileiro, nossas sentidas lagrimas pelo anniversario de sua morte, no dia 4 do mez passado.

Dizer em palavras o que foi esse eminente vulto, é sangrar a ferida ainda aberta no seio da mão patria.

Choremos, pois, sua morte e abraemos suas cinzas, sentelhas de luz, para receber luz como amante das lettras.

A Patria e ao collega *Vassourense*, orphãos do eminente vulto, nossos pe ames.

Completan no dia 14 do andante mais um anno de preciosa e util existencia, o nosso virtuoso vigario, sr. Monsenhor Paiva, um dos mais fulgurantes talentos do nosso clero, fiel pastor da religião Catholica, que resistindo a um certo indifferentismo neste meio social, para com o que se diz religião, incensantemente batalha com sua ordeira e criteriosa propaganda revelada pela eloquencia do seu talento.

A Penna, sentinella avançada da defesa da religião Catholica, o saudá jubilosamente, dando-lhe um amplexo, em signal de amizade.

Annuncia-nos o telegrapho ter fallecido em Letangoiras (Sergipe) o illustrado dr. Domingos de Oliveira Ribeiro, um dos vultos mais eminentes da magistratura a d'aquelle Estado e um dos bellos talentos que jamais serão esquecidos.

Aos nossos amigos dr. Mario de Oliveira e Themistocles Diniz Gonçalves, dignos parentes do illustre morto, apresentamos nossos sinceros pesames.

Completamente restabelecido, de volta á Capital Federal, temos em nosso seio, o nosso chefe e amigo Durval Carvalho, que acaba de reassumir o exercicio de Director e Redactor-chefe, d'este periodico fazendo-o passar por nova phase, como verão os leitores.

Satisfeitos saudamol-o.

Typ. d'O Piratininga.